



**Um
percurso
Templário em
Tomar**

- 12 etapas -

*Presidência
Portuguesa*

**Templars
Route
European
Federation**

TOMAR 2021>2023



**ROTA DOS
TEMPLÁRIOS**

www.templars-route.eu



Um percurso Templário em Tomar - 12 etapas -

O percurso indicado sobre uma planta actual de Tomar, apesar de numerado, é aleatório se o visitante o desejar. A numeração arbitrária corresponde a uma hipótese de percurso a iniciar na Igreja de Santa Maria e é determinada apenas por questões de ordem geográfica. Cabe-lhe decidir o que ver e a ordem por que vê, pois esta é uma proposta de descoberta autónoma. Os locais estão devidamente identificados no terreno. Um código QR presta a informação essencial.





Parque do Mouchão

Largo do Pelourinho

Calçada do Convento

R. do Camarão

R. Sacadura Cabral

R. Gil Avô

R. Alexandre Herculano

R. Serpa Pinto (Corredoura)

R. de São João

R. Dr. Joaquim Jacinto

R. D. Aurora Macedo

R. Pedro Dias

Av. Dr. Cândido Madureira

R. dos Arcos

Av. General Tamagnini de Abreu

Av. General Bernardo Fortes

Várzea Grande

R. Dr. Sousa

R. Silva Magalhães

Praça da República

R. Pé da Costa de Cima

R. Pé da Costa de Baixo

R. do Teatro

R. Infanteria 15

Av. Dr. Vieira

R. Pr. Infante D. Henrique

EST. DE PAIVALVO

349-3

Convento de Cristo

Mata Nacional dos Sete Montes

Cumendas



2

5

6

7

1

5

1 Igreja de Santa Maria dos Olivais

É a igreja mais antiga de Tomar que terá sido (re)construída no estilo gótico (meados do século XIII) no local de um primitivo complexo religioso beneditino (igreja e convento) e utilizada para primeira igreja templária quando a Ordem se instalou em Tomar, em 1159. Nela eram sepultados os Mestres Templários de Portugal.



Igreja de Santa Maria dos Olivais



Descarregue aqui
o vídeo

Tem uma rosácea na fachada e torre sineira que foi antes atalaia; as capelas laterais e a galeria renascentista sul são do século XVI. A Igreja contém uma imagem gótica de Nossa Senhora do Leite, de Diogo Pires-o-Velho e o túmulo de D. Diogo Pinheiro, primeiro Bispo do Funchal. Destaca-se ainda a “Capela de Simão Preto”, com paredes e abóbada revestidas de azulejos do século XVII. Foi a igreja matriz (principal) de todas as terras descobertas pelos Portugueses nos Descobrimientos subordinada directamente ao Papa. Foi a igreja paroquial de Tomar após a extinção dessa função na igreja de Santa Maria do Castelo, dentro de muralhas, por ordem de Frei António de Lisboa, o Reformador da Ordem de Cristo, no século XVI. Nessa altura, os túmulos dos Mestres Templários ali existentes foram destruídos com as obras das novas capelas laterais, apenas restando lápides parietais de três Mestres.

2 Açude dos Frades

Açude inicialmente templário que conduzia a água do rio para alimentar os moinhos. O primeiro arco da chamada “Ponte Velha” foi construído, para poder criar acesso desde a Corredoura que, com o canal assim aberto, ficou separada da ponte primitiva, acrescentando-a.



Açude dos Frades

3 Calçada de Santiago e Praça da República

A Calçada de Santiago era o caminho que, pelo norte, ligava o castelo, desde a entrada da Porta do Sol que servia a Torre de Menagem, à vila de baixo, directamente para o Largo de S. João, bifurcando-se aí para a Corredoura e Rua de S. João. A actual Praça da República, antes de D. Manuel e primitivamente (época templária) Largo de S. João, é a praça principal da cidade de Tomar. Passou a ser o centro cívico de Tomar a partir do reinado de D. Manuel I. O Pelourinho Novo foi ali colocado, em substituição do “Velho”, templário, do

Centro Cívico das Praça da Ribeira. Em 1895, a placa central foi calçetada em preto e branco com os desenhos em forma de losango ainda hoje existentes. Em 1940, o Pelourinho foi desmontado, reparado e recolocado na localização actual; no seu lugar, foi, ao fim de muitos anos de espera, erigida a estátua de Gualdim Pais, cuja primeira pedra fora colocada em 13 de Outubro de 1895, no Centenário do Fundador.



Praça da República

4 Corredoura e Rua de S. João

Na Corredoura, que era já um importante arrabalde em 1165, instalaram-se artesãos e mercadores, fazendo dela a rua principal. A tradição atribui a designação da rua por esta ser local onde os Templários se treinavam e “corriam armas”. Todavia, “corredoura”, tal como “rua direita”, significa rua ou espaço largo que liga dois pontos importantes de uma povoação, pelo que, apenas com os devidos cuidados, seria possível compatibilizar as duas funções, se é que existia realmente a que a tradição popular sufraga.



Corredoura



Rua de S. João

De resto, na época medieval, no espaço urbano, as “corredouras” eram as ruas eleitas para o percurso anual do gado para ser benzido e depois vendido em mercado de início/meados de Outono. No espaço rural, esse mesmo percurso era designado por “canada”. A rua de S. João é-lhe paralela, pelo sul, e era a rua adossada à antiga capela templária de S. João que, com o correr do tempo e das intervenções reais, passou a ser Capela Real e, mais tarde, igreja. Ambas as ruas ligavam o largo templário de S. João ao rio.

5 Rua dos Moinhos

A Rua dos Moinhos, também conhecida como Rua Direita dos Moinhos, era assim designada por ser a rua que fazia frente para o rio e os moinhos inicialmente criados pelos Templários e posteriormente desenvolvidos pela Ordem de Cristo.

O rei D. Manuel I, no século XVI, actualizou o complexo, passando a ser conhecido como “Lagares d’El Rey”. Por essa altura, e secados que foram definitivamente os terrenos, foi construída uma nova rua paralela à Rua dos Moinhos, conhecida por “Levada” por ser paralela à levada de água que accionava os moinhos.

6 Moinhos da Ordem

Os primeiros moinhos de farinha e lagares de azeite junto ao rio eram accionados a energia hidráulica foram instalados pelos Templários, nos séculos XII e XIII, junto ao rio Nabão.



© Nuno Miguel Queiroz



Descarregue aqui
o vídeo

Moinhos da Ordem

7 Paços da Ribeira, Centro Cívico e Palácio dos Cubos

Os Paços da Ribeira, ou da Várzea Grande, inexistentes na actualidade, situavam-se no denominado Chão do Pombal, hoje Praceta Alves Redol/Rotunda da Ponte Nova, pelo menos até à morte do Infante D. Henrique.



Palácio dos Cubos

Dos finais do século XII ao início do século XIV, num dos topos da antiga Várzea Grande, que confinava com a zona da actual rotunda, existiam: a) o centro cívico, onde os Templários instalaram cartório (local para guardar documentos), o primeiro Pelourinho e a Câmara Municipal; e b) casas de contagem das rendas da Ordem dos Templários (e, mais tarde, da de Cristo) em produtos agrícolas (azeite, vinho, cereais). Ao longo dos séculos tiveram várias remodelações, até serem demolidos.

Designado como Palácio dos Cubos, em alusão às medidas de contagem utilizadas, o complexo incluía Lojas de Azeites, Celeiros e Tercenas, primeiro do tempo dos Templários, depois na época henriquina e, posteriormente, propriedade de Frei António de Lisboa (fica por saber se eram efectivamente sua propriedade ou se propriedade da Ordem de Cristo, de que foi Dom Prior e Reformador). Além das remodelações dos séculos XVI e XVII, terão sofrido, no século XVIII, com D. Pedro II e D. João V, as últimas intervenções, ganhando alguma unidade estrutural que veio a possibilitar a consolidação e generalização da designação de “Paços”, pois que se tratava de “uma propriedade de casas”.

Os moinhos, na fase final da sua existência, são vendidos em hasta pública, em 1836, na sequência da extinção das Ordens Religiosas em Portugal, ocorrida em 1834. Os chamados “Paços dos Cubos” foram demolidos, em parte, na última metade do século XX, em 1966, para que fosse possível construir a actual Ponte Nova. O edifício até há alguns anos conhecido como “Quartel 2” e, no século XX, adaptado a escritórios das

Empresas Mendes Godinho, junto à referida ponte, será o último vestígio deste importante marco de Tomar, presumindo-se que tenha sido o “Celeiro”. Actualmente, devidamente reabilitado e vencedor de um importante Prémio de Arquitectura pela recuperação interior, denomina-se Casa dos Cubos e aloja o Centro de Estudos em Fotografia de Tomar.

8 Riba Fria

Corresponde à actual Avenida Cândido Madureira. No período templário, correspondia ao acesso sul à Vila de Baixo proveniente do Castelo (Porta da Almedina) fazendo a fronteira com o terreno da várzea que se estendia para sul.



Riba Fria

9 Hospício de S. Brás

Junto à Mata dos Sete Montes, servindo de cunhal entre as ruas do Pé da Costa de Cima e do Pé da Costa de Baixo, a casa existente serviu como gafaria e é a única reminiscência de vários hospitais e hospícios medievais (gafarias), alguns de origem templária, que o Infante D. Henrique encerrou para criação do Hospital de Santa Maria da Graça, ou de Nossa Senhora da Cadeia, assim popularmente conhecida pela corrente que teria à entrada para impedir o acesso dos animais de grande porte em pastagem na Várzea Grande.



Hospício de S. Brás

10 Ruas do Pé da Costa

Serão, conjuntamente com a Corredoura, a Riba Fria, a Rua dos Açougues e a Rua dos Moinhos, as ruas mais antigas de Tomar no arrabalde do sopé do monte conhecido como “Vila de Baixo”. Pé = sopé, base; costa = encosta do monte. As ruas do Pé-da-Costa de Baixo e do Pé-da-Costa de Cima datam do século XII/XIII.



Ruas do Pé da Costa

11 Castelo Templário

A partir de Gualdim Pais, 6º Mestre Provincial português e o responsável pela consolidação e edificação do castelo, foi sede da Província Templária de Portugal da Ordem dos Templários até 1314, e da Ordem de Cristo, a partir de 1357, juntamente com o Convento de Cristo que ia crescendo a partir da época do Infante D. Henrique. Está construído numa das colinas que simbolicamente aludem às colinas de Jerusalém, cidade onde, em 1119, foi criada e instalada a Ordem dos Templários.

O castelo apresenta três recintos (a vila intra-muros, servida pela estreita Porta da Almedina, o recinto de parada, hoje ajardinado, a que se acede directamente do exterior pela entrada nobre da Porta do Sol, e a zona religiosa e militar com torre de menagem) individualizados por duas “cortinas” ou panos de muralha; todo o conjunto é protegido pela cintura de muralha externa reforçada com alambor, (uma técnica de reforço defensivo da base das muralhas que Gualdim Pais trouxe do Oriente e foi aplicada pela primeira vez em Portugal nesta fortaleza). Do castelo faz parte a Charola octogonal (finais do século XII), assim construída para evocar a Igreja do Santo Sepulcro, em Jerusalém.

No início do século XVI abriu-se um grande arco para ligação à nave, sala em meia cave onde se encontra a “Janela do Capítulo” e o Coro Alto. Em descrição não exaustiva, fa-

zem ainda parte do complexo Castelo/Convento, os Paços do Infante (e residência da Casa Real) construídos no local da zona militar adjacente à Torre de Menagem e do desaparecido convento templário, oito claustros (séculos XV/XVI, destacando-se o Principal, ou de D. João III), Casa do Capítulo incompleta, Refeitório, Capela do Cruzeiro, Sala das Cortes e Sacristia Filipina (dos séculos XVI/XVII). O conjunto do Castelo e do Convento de Cristo, pela sua importância excepcional, foi considerado património Mundial da UNESCO (organização das Nações Unidas para a Cultura) em 1983.

A data considerada como a do início da construção do castelo é 1 de Março de 1160, o feriado municipal de Tomar. Com D. Manuel I e D. João III, seu filho, para efeitos de alargamento do que se pretendia viesse a ser o seu palácio/convento então desejado, são encerradas a vila antiga (almedina), bem como a respectiva Porta, e as casas do arrabalde de S. Martinho, a Oeste são arrasados para as construções da igreja manuelina, respectivo Coro Alto e os claustros do convento novo (Principal, Corvos, Micha) e a população é transferida para a vila antiga. Porém, com D. João III, a Ordem de Cristo passa a ordem monástica de clausura e o recinto muralhado do castelo deixa definitivamente de albergar população civil, passando toda a gente para a vila de Thomar, no vale.



Castelo Templário



Descargue aquí
o vídeo

12 Mata dos Sete Montes e Porta da Almedina

Era a Cerca dos Freires da Ordem de Cristo. Na actualidade, a Mata dos Sete Montes é um parque público florestal com 39 hectares de área, com grande variedade de espécies vegetais.



Descarregue aqui
o vídeo

Entrada para a Mata dos Sete Montes

No tempo de D. Dinis, o sítio era conhecido como o Lugar de Sete Montes e Sete Vales e consta da relação dos bens templários que, na sequência da extinção da Ordem do Templo, transitaram para a Ordem de Cristo.

De referir que a escolha de “sete montes” para edificação de burgos ou recintos protegidos era frequente desde a Antiguidade e Idade Média para se poderem celebrar os sete dias da semana. As referências documentais do sítio são posteriores à época templária, pelo que não é possível saber, ou ter ideia aproximada, de como seria, então, o local. Todavia, sendo uma área adossada ao castelo, é de admitir que, por motivos defensivos e de vigilância, o coberto vegetal pré-existente à construção do castelo tivesse sido reduzido de forma significativa, ou quase total, e apenas reintroduzido após a consolidação do domínio do território.

Pela Mata, acede-se ao exterior da Porta da Almedina. Nas muralhas do Castelo de Tomar, era a porta de entrada para a vila antiga protegida pela muralha exterior e a cortina interior, esta com duas braças e meia de altura. Dela descia um dos caminhos para a “vila de baixo”. D. Manuel I, em 1497, manda encerrar a “vila antiga” e emparedar a Porta da Almedina, perdendo-se assim a sua função. Também é conhecida por “Porta do Sangue” por aí ter sido sustida a investida muçulmana de 1190, tendo eventualmente ocorrido grande mortandade e derramamento de sangue.



TREF um grande projecto europeu

A História da Ordem do Templo está intimamente ligada ao departamento da Aube, em França. Hugues de Payns, natural de uma aldeia perto de Troyes, foi o fundador e primeiro mestre do Templo, uma ordem reconhecida no Conselho de Troyes em 1129. A regra da Ordem foi elaborada e adoptada sob a égide de Bernard de Clairvaux.

A cidade de Tomar, localizada no coração de Portugal, foi fundada em 1160 como a sede dos Templários. Foi a última sede provincial templária na Europa. Listado pela UNESCO como Património Mundial, preserva um património templário em perfeito estado, incluindo o castelo, o Convento de Cristo e os túmulos dos primeiros Templários.

Enquanto o Departamento de Aube representa o “Alfa” do itinerário, o berço dos Templários, a cidade de Tomar é a “Omega”, a cidade sobrevivente da Ordem.

Em 2014, para comemorar o 700.º aniversário da morte na fogueira de Jacques de Molay, o último Grande

Mestre da Ordem dos Templários, L’Aube e Tomar decidiram unir-se em torno do tema dos Templários e criar um Itinerário Cultural Europeu (ECI) intitulado: “Rota Templária Europeia”.

Para tornar este projecto uma realidade, os dois territórios criaram a Federação Europeia da Rota dos Templários em 12 de Julho de 2016, a que se juntaram como co-fundadoras as cidades de Ponferrada, em Espanha, e Perugia, em Itália.

Neste seu 5.º aniversário, data em que é lançado este Percurso Templário em Tomar, a TREF conta com três dezenas de associados em seis países europeus, Reino Unido e Luxemburgo incluídos.

Sob a Presidência Tomarense, a TREF alargar-se-á a outros países até 2023, estando em curso contactos, para já, com a Bélgica, Malta, Chipre e Grécia.

Tomar, 12 de Julho de 2021
Anabela Freitas, Presidente da TREF